



## **Editorial**

Os Organizadores

---

Prezadas leitoras, prezados leitores!

Abrimos este número de *ECO-REBEL* com o artigo de Peter Finke, “Linguistics at the end of the Baconian Age, or: Five essentials of ecolinguistics”. O assunto de que ele trata fazia parte do The 4<sup>th</sup> International Conference on Ecolinguistics (ICE-4), realizado na University of Southern Denmark, Odense, Dinamarca, de 12 a 15 de agosto de 2019. Embora o autor não tenha podido comparecer, o texto foi distribuído aos participantes no folheto *The Aalpiri papers* (Odense: SDU, 2019), juntamente com um texto de Peter Mühlhäusler (ele sairá no próximo número da revista), que tampouco pôde comparecer. É de se ressaltar que Peter Finke é a principal fonte de inspiração da linguística ecossistêmica. No próximo número de *ECO-REBEL* publicaremos uma entrevista com ele. Como se pode ver ao ler o texto de Finke, nós o mantivemos como o autor nos enviou por ser ele filósofo e não muito a fim de obedecer as formalidades acadêmicas. Decidimos respeitar sua vontade.

Em seguida vem o artigo de Alwin Fill, “A ecolinguística como ideia europeia”. Se Finke é a principal fonte inspiradora da linguística ecossistêmica, Alwin Fill é o responsável pela disseminação da própria disciplina ecolinguística em geral, como temos salientado em várias oportunidades. O texto em si, além de tratar do que enuncia, enfatiza a ideia de que a ecolinguística se preocupa com a questão da língua como fenômeno mental e social, usando a metáfora ecológica para a defesa da conservação de línguas pequenas e de qualquer minoria, defendendo uma espécie de comunhão entre os seres humanos.

A versão original do terceiro texto, “Direitos humanos linguísticos na educação para a manutenção da língua”, de Tove Skutnabb-Kangas, é do início dos anos 2000. Ele emergiu no contexto da ONG Terralingua (<https://terralingua.org/>), coordenada por Luisa Maffi. Essa ONG já publicou diversas obras coletivas, como *On biolcultural diversity: linking language, knowledge, and the environment* (Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 2001), em que uma primeira versão deste texto fora publicada. O próprio título já diz de que trata esta incansável lutadora pela causa dos direitos linguísticos, minorias linguísticas, educação de minorias etc.

## ECO-REBEL

O quarto texto, “Uma leitura ecolinguística de ‘Se eu quiser falar com Deus’ de Gilberto Gil”, é assinado por Elza do Couto e Hildo do Couto. Ele tenta mostrar como se pode analisar um texto literário, no caso, musicalizado, da perspectiva da linguística ecossistêmica. Durante a produção do texto, o autor dialoga com seu alter-ego; depois de produzido, ele visa a atingir um leitor, no caso, uma audiência para a música cantada pelo autor, momento em que se atinge a finalidade última da linguagem, a interação comunicativa.

O quinto artigo, de Anderson Nowogrodzki da Silva, “Confluências entre a sociolinguística qualitativa e a ecolinguística: práticas religiosas virtualizadas”, compara as duas disciplinas a exemplo das práticas religiosas virtualizadas. Como diz o autor no resumo, “o afastamento espacial, a maleabilidade temporal e a ausência de um corpo físico permitem ao indivíduo modelar suas identidades e projetá-las num simulacro, dando forma a novos modos de interagir que não são previstos pela interação comunicativa face a face”. Com isso enriquece a discussão ecolinguística.

O sexto trabalho é de Samuel de Sousa Silva, intitulado “Perspectiva ecológico-discursiva de uma ética responsável da humanidade para com seu ecossistema”. Partindo dos pressupostos ecolinguísticos, o autor enfatiza que hoje deve-se dar mais valor a redes do que a um objeto, uma vez que a crise ecológica é “relacional”, por nossa cultura ter objetificado tudo, que passa a ser propriedade de alguém. Com uma releitura dos textos bíblicos, propõe uma ética do cuidado “cultivando”, “guardando”, em vez de explorando.

O sétimo texto, por fim, intitula-se “A linguística ecossistêmica e os estudos literários: algumas aproximações com base na literatura oral em Timor-Leste”, de Davi Borges de Albuquerque. Tendo a linguística ecossistêmica como pano de fundo, Albuquerque trata de um tema quase inexplorado, a literatura oral de Timor-Leste.

Este número da revista contém ainda três resenhas de livros. A primeira *Introduction to Cell Agriculture*, de Ahmed Khan, foi escrita por George Jacobs, da James Cook University de Cingapura. Por ser um assunto impactante, como a resenha de *Clean meat*, de Paul Shapiro, também assinada por Jacobs e publicada em ECO-REBEL, <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/22789/20545>. Apresentamos também a tradução portuguesa da resenha, a fim de tornar o assunto mais acessível ao público brasileiro. A segunda resenha é do livro da professora galega Teresa Moure, *Linguística eco- O estudo das línguas no antropoceno*, feita por Elza do Couto. A terceira é *Construyendo una sociolingüística del sur - Reflexiones sobre las culturas y lenguas indígenas de América Latina en los nuevos escenarios* (Cochabamba, Bolívia), organizado por Marina Arratia J. e Vicente Limachi P. (Universidad Mayor de San Simón), assinada por Zilda Dourado. Este livro mostra que a ecolinguística está nascendo com vigor na Bolívia.

Por fim, vem uma entrevista com Adam Makkai, um húngaro-americano que trabalhou com a linguística estratificacional (agora ‘linguística neurocognitiva’) de Sydney M. Lamb. Makkai faz parte da história de ecolinguística por vários motivos: ele associa

## **ECO-REBEL**

língua e ecologia desde as décadas de 50 e 60; é autor do primeiro livro que traz na capa a palavra “ecolinguística”, em 1993, ano em que saiu também o livro inovador de Alwin Fill. A entrevista é de 2007, mas vale a pena ser publicada.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 5, n. 2, 2019.